

A dimensão cultural da pós-verdade:

Uma análise da desinformação sobre o uso de cloroquina na pandemia de Covid-19

The cultural dimension of post-truth:

Analysis on the disinformation about the use of chloroquine in the Covid-19 pandemic

Flávia de Almeida Moura

Doutora em Comunicação pela PUC/RS, professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão. Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Luís (MA), Brasil.

Jorge Araújo Martins Filho

Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão. Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Luís (MA), Brasil.

Introdução

Este trabalho discute de que forma as peças de desinformação relacionadas ao uso das substâncias cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19 podem ser compreendidas sob o prisma dos processos de identificação sistematizados pela tradição dos estudos culturais. Para isso, coletamos 66 reportagens de *fact-checking* nos sites das agências Lupa e Aos Fatos e realizamos uma análise de

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.233>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.173-194, set./dez. 2022

narrativas a respeito das mensagens que ambos os veículos jornalísticos se propunham a checar. Foram selecionados todos os textos que mencionavam os medicamentos e que foram publicados de março a agosto de 2020 – os seis primeiros meses da pandemia do vírus Sars-Cov-2 no Brasil.

Por se tratar de algo ainda muito recente, não temos a pretensão de descrever precisamente todas as mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais provocadas pela pandemia da Covid-19. Mas é seguro dizer que estamos diante de um dos eventos mais impactantes da história recente da humanidade – há inclusive quem já o considere como marco da real passagem do século XX para o XXI (SCHWARCZ, 2020). Além dos efeitos sobre a saúde humana que a doença acarretou, também foi intensificada a preocupação referente à poluição do ecossistema midiático nas sociedades ameaçadas pela proliferação do vírus. Até mesmo a Organização Mundial da Saúde (OMS) fala de uma “infodemia” para descrever o cenário de abundância de informações – nem sempre verídicas – com a capacidade de induzir as pessoas ao erro, arriscando suas vidas e potencializando os danos da pandemia.

Entretanto, a “infodemia” sobre a qual alerta a OMS apenas acrescenta as questões da Covid-19 a um fenômeno que já existia: a desinformação. Neste trabalho, adotaremos o conceito de desinformação empregado por Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017), definido como a disseminação de informações falsas com o intuito de causar dano. O problema pode ser atribuído a múltiplas causas, que vão de motivações individuais até uma série de transformações sociais que levam à falta de crença nas instituições (MENDONÇA e FREITAS, 2019). Nessa perspectiva, é fundamental considerar o contexto de descentralização dos fluxos de informação na internet. Se, por um lado, o paradigma da comunicação “de muitos para muitos” deu mais liberdade para uma diversidade maior de atores, que passam a criar e difundir seus próprios conteúdos em redes digitais, por outro acabou facilitando o surgimento de técnicas mais sofisticadas de disseminação de mentiras com alto potencial de viralização.

O termo “pós-verdade” vem sendo bastante utilizado para descrever o atual *Zeitgeist*. O significado comumente atribuído à expressão situa-se no âmbito das circunstâncias em que opiniões e crenças pessoais têm mais importância do que fatos objetivos no processo de formação da opinião pública. Como a palavra se tornou mais popular nos últimos anos, poderíamos ser tentados a acreditar que aquilo que ela representa também seja uma novidade. Mas não é. A mentira não é uma invenção do nosso tempo, e a

crença em narrativas que não têm referencialidade em fatos concretos faz parte da disposição humana desde muito antes do surgimento das tecnologias digitais.

Nesse sentido, acreditamos que a disposição para a pós-verdade sempre esteve de algum modo presente nos processos de identificação de sujeitos que se apropriam de grandes narrativas para produzir sentidos e interpretar o mundo ao seu redor. É também nessa perspectiva que enxergamos o fenômeno da desinformação, cujos produtos – conjuntos de informações falsas disseminadas com o intuito de causar dano – não surgem isolados, mas sim em relação com essas narrativas que disputam as mentes e corações de seus interlocutores.

Nossa hipótese é que as peças de desinformação a respeito do uso de cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19 se inserem nessa lógica. Por meio de análise de narrativa, investigamos se e como as mensagens que as agências de checagem buscam corrigir podem ser inseridas no contexto ampliado da narrativa adotada pelos apoiadores do então presidente Bolsonaro, um notório defensor desse tratamento como solução para a crise sanitária. Os resultados sugerem que, de fato, o medicamento foi transformado em um dos símbolos por meio dos quais os apoiadores mais apaixonados desse grupo político se identificam.

Trata-se de uma tentativa de inserir o aspecto cultural da pós-verdade na análise do problema da desinformação a partir de um recorte específico, assumindo as limitações decorrentes do tamanho reduzido do corpus e, por isso mesmo, sem a pretensão de chegar a generalizações conclusivas, mas sim de ser o ponto de partida para novos olhares sobre a pós-verdade no ecossistema midiático contemporâneo.

A amostra selecionada para análise foi obtida a partir de uma busca, no site das agências de checagem, pelos termos “cloroquina” e “hidroxicloroquina”. Extraímos todas as publicações listadas no resultado e coletamos as mensagens cuja veracidade foi apurada pelos veículos. O objetivo foi categorizá-las conforme a natureza do conteúdo para, em seguida, desenvolver uma análise de narrativa sobre as peças apontadas pelas reportagens como produtos de desinformação disseminados pelas plataformas de redes sociais on-line.

O artigo está estruturado em quatro tópicos. Além desta introdução e das considerações finais, há duas outras seções. A primeira delas discute o conceito de pós-verdade, relacionando-o aos processos de identificação discutidos por autores do campo dos estudos culturais. A outra aborda a disputa de narrativas em torno da pandemia de Covid-19 e o tratamento com as medicações defendidas pelo então presidente Jair Bolsonaro. Nessa seção, encontram-se os resultados da análise do corpus e suas relações com os aspectos culturais do fenômeno da desinformação discutidos na primeira parte do trabalho.

Pós-verdade e processos de identificação

Ainda que o problema da desinformação tenha sido catalisado pelas tecnologias da informação e comunicação desenvolvidas e popularizadas ao longo dos últimos anos, é preciso reiterar que a mentira não surgiu juntamente com os algoritmos das plataformas de redes sociais na internet ou com *bots* que automatizam o disparo de mensagens em massa. A tecnologia é um elemento importante do fenômeno porque reordenou os fluxos de informação e ampliou as possibilidades de viralização dos conteúdos, mas o caráter humano ainda parece ser o fator central para a compreensão dessa nova maneira de produzir e distribuir mentiras.

Um estudo realizado por pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology (MIT) a partir de mensagens publicadas no *Twitter* por cerca de três milhões de pessoas entre 2006 e 2017 revela que informações falsas alcançaram penetração muito maior do que aquelas consideradas verdadeiras por organizações de *fact-checking* – e que isso ocorreu graças ao engajamento das contas atribuídas a seres humanos, enquanto a atividade de robôs na plataforma não fez diferença entre conteúdo falso ou verídico, tendo espalhado ambos na mesma medida (VOSOUGHI et al. 2018). Esses resultados sugerem, portanto, a necessidade de voltar o olhar da pesquisa para os sujeitos e suas possíveis motivações ao produzir e compartilhar desinformação.

Seria possível questionar então em que medida essas motivações representam de fato algo inteiramente novo. A própria afirmação de que estaríamos entrando numa era da pós-verdade chama a atenção para o uso do prefixo “pós”, diante do qual fazemos a seguinte pergunta: a humanidade realmente passou por uma “era da verdade” em algum momento? O historiador Yuval Noah Harari (2018) argumenta que os seres humanos sempre organizaram o pensamento e suas formas de estar no mundo a

partir de narrativas, das mitologias que unificaram coletivos pré-históricos até as teorias da conspiração que unem comunidades on-line e off-line nos dias de hoje. “Os humanos sempre viveram na era da pós-verdade. O *Homo sapiens* é uma espécie da pós-verdade, cujo poder depende de criar ficções e acreditar nelas” (p. 208). Nesse sentido, defendemos que as opiniões e crenças subjacentes às grandes narrativas têm um papel fundamental no modo como os discursos afetam e formam sujeitos, e que esse aspecto precisa ser considerado ao analisar as peças de desinformação. Os próprios fatos – sejam eles verídicos ou falsos – são apreendidos por meio dessa lente que poderíamos chamar de narrativa, discursiva ou ideológica.

Se levarmos em conta a dimensão cultural mais ampla dos processos comunicacionais que envolvem o fenômeno da desinformação, deixaremos de perceber as informações falsas como simples mensagens isoladas e passaremos a vê-las na forma de enunciados pertencentes aos discursos que as precedem e as envolvem em sua complexa teia de relações. Seguindo por esse caminho, poderemos concluir então que “não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo” (FOUCAULT, 2019, p. 120). O pensamento foucaultiano argumenta que é nesse jogo discursivo que ocorrem os processos de produção de sentido, de atribuição do valor de verdade a determinadas proposições e de formação dos sujeitos.

Os processos que levam à atribuição do valor de verdade também já eram abordados em Peirce (1877) por meio da categoria da crença – vista como uma instância de plena satisfação e conforto mental capaz de guiar as ações dos sujeitos. A crença seria o oposto da incômoda dimensão da dúvida. No artigo intitulado “A fixação da crença”¹, Peirce classifica quatro métodos diferentes para a efetivação de uma crença. São eles o da tenacidade, o da autoridade, o do *a priori* e da ciência. O primeiro refere-se à manutenção de uma convicção pessoal por meio de uma espécie de hábito que aprende a rechaçar e odiar qualquer coisa que o contradiga, sem considerar, entretanto, a dimensão social dessa crença. Já o método da autoridade insere o aspecto institucional e coercitivo da fixação de uma crença. O método do *a priori* é próximo ao da autoridade porque também considera o aspecto social, mas o elemento da razão predomina sobre a coerção. O quarto método – o científico – atribui a fixação de uma crença por meio da

¹ Tradução livre do original “The fixation of belief”.

permanência externa, que incidiria sobre todos os indivíduos de modo que todos deveriam chegar a uma mesma conclusão final.

Peirce advoga que o método científico seria o único capaz de garantir que as crenças sejam verdadeiras. Ainda assim, cada um dos métodos teria suas vantagens em circunstâncias específicas – e todos eles podem satisfazer plenamente os sujeitos quando se efetiva a fixação de uma crença, seja ela verdadeira ou falsa. Esse aspecto da produção de sentidos se aproxima da noção de pós-verdade. E as posições viabilizadas para esses sujeitos dentro dos discursos, por sua vez, compõem uma categoria importante para as concepções de cultura e identificação que empregaremos nesta análise.

Vista não apenas como um conjunto de textos e representações, mas no sentido mais amplo adotado pela tradição dos Estudos Culturais, a noção de cultura que estamos considerando abarca também as práticas cotidianas conectadas às estruturas sociais de poder e ao contexto histórico – nutrindo uma relação de proximidade com o conceito de ideologia enquanto estrutura de entendimento por meio da qual os seres humanos produzem sentido (ESCOSTEGUY, 2010). Percebe-se, assim, como o fator ideológico inserido nas dinâmicas das práticas sociais de produção de sentido se assemelha àquela disposição humana para o viés da pós-verdade. Esse paralelo é oportuno, porque põe em perspectiva os processos contemporâneos de disseminação da mentira em suas rupturas e continuidades com relação aos paradigmas tradicionais da comunicação humana.

Ao mesmo tempo, permite esboçar uma reflexão sobre as motivações para a disseminação de informações falsas, localizando-as no âmbito dos processos de identificação. O conceito de identidades utilizado aqui pode ser definido como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2013, p. 112). O foco no aspecto temporário ajuda também a justificar a nossa escolha pelo termo identificação – destacando a subjetivação ou a formação dos sujeitos não como algo fixo e definitivo, mas considerando a instabilidade e as negociações envolvidas nos “pontos de sutura” ou construção das identidades.

Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático. (p. 109)

A disposição para a pós-verdade encontra-se nesse campo fantasmático de narrativização do eu e de processos instáveis de subjetivação e identificação. Essa tendência, somada ao desenvolvimento das tecnologias emergentes da informação e comunicação, abre um terreno fértil para o florescimento da desinformação, cujo habitat é um ecossistema midiático constantemente transformado e reconstruído. Assim, por se tratar também da formação de sujeitos e identidades, o problema não poderia deixar de ser considerado de ordem ética, dimensão que também percebemos como socialmente construída – nas redes sociais da internet, esse caráter construtivo se mostra ainda mais evidente. “Portanto, a ética nesses ambientes não é apenas uma questão de se lidar moralmente com um dado mundo, mas, sobretudo, uma questão de construção ininterrupta desse mundo e do próprio agente” (SANTAELLA, 2010, p. 319).

Ainda segundo Santaella (2010), as redes digitais se comportam como sistemas dinâmicos em que emergência, auto-organização e adaptação são palavras-chave. Por isso mesmo, é inevitável o aparecimento de dilemas éticos que implicam escolhas constitutivas dessas redes por parte de seus atores. Como o desenvolvimento das tecnologias digitais foi fundamental para a introdução de um paradigma de abundância, abertura e descentralização, é possível dizer que elas contribuíram para a complexificação dos processos de identificação. É nessa perspectiva que enxergamos as escolhas dos agentes de desinformação ao produzirem e/ou compartilharem peças que se mostram mais eficazes no intuito de conquistar adeptos quanto mais forte for o apelo às opiniões e crenças preexistentes nos discursos, narrativas ou ideologias em disputa.

A questão da complexidade dos processos de identificação contemporâneos dialoga também com o conceito de culturas híbridas de Canclini (2014), porque diz respeito a um ecossistema midiático marcado pelas categorias do descolecionamento e da desterritorialização. Ambos os conceitos foram criados no contexto da expansão da vida urbana e das mudanças nos sistemas de produção e comunicação, que acabaram por fazer com que as identidades culturais deixassem de ser completamente puras e exclusivamente determinadas pelo território. Esse processo foi chamado de hibridização, e hoje está claro que o jornalismo não ficou imune – visto que também é afetado pelo descolecionamento.

Temos consumido diversos produtos no cruzamento entre o jornalismo e o entretenimento – como programas esportivos mais descontraídos e noticiários apresentados por humoristas – ou mesmo entre o jornalismo e a ficção – no caso de sites de humor como o “Sensacionalista” e narrativas de jornalismo em

quadrinhos. Do mesmo modo, o fenômeno da desinformação também pode ser inserido nesses atravessamentos. Neste caso particular, criando conteúdos a partir de narrativas que vão de encontro aos princípios jornalísticos de veracidade e referencialidade, enquanto se apropriam do código social do jornalismo profissional a fim de conquistar a credibilidade junto ao público (ROXO; MELO, 2018). Quanto melhor os agentes de desinformação exploram crenças e opiniões presentes em discursos preexistentes, mais bem-sucedidas são as suas iniciativas no sentido de disseminar falsidades e inflamar o debate, especialmente num contexto de radicalização política como o que vivemos no Brasil atualmente.

Esse é o ambiente em que a pauta da pandemia de Covid-19 se impôs, provocando diferentes formas de uso político de seus temas – entre eles, os processos de identificação de apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro por meio da defesa do tratamento da doença com os medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina. Conforme veremos no item a seguir, essa abordagem foi repetida em várias peças de desinformação verificadas pelas agências de *fact-checking* ao longo da pandemia no Brasil, mesmo após a ampla disseminação de estudos que descartaram a eficácia das substâncias no tratamento da doença.

Desse modo, o que se observa é a formação de uma disputa de narrativas a respeito dessas drogas que ultrapassou o campo científico. De um lado, está o discurso adotado por veículos tradicionais do jornalismo profissional, pela OMS e a maior parte da comunidade científica internacional, que advertem para as evidências de que os fármacos não são capazes de curar a Covid-19. De outro, está a narrativa defendida pelo então presidente e seus apoiadores, para quem a cloroquina e a hidroxicloroquina seriam a saída para um tratamento eficaz e relativamente barato, ou seja, uma solução para a crise sanitária, econômica, política e social que se instalou.

Disputa de narrativas na pandemia de Covid-19

Há, portanto, duas versões conflitantes da realidade narradas concomitantemente na esfera midiática. Ao investigarmos as peças de desinformação e as suas checagens a partir de alguns elementos da análise de narrativa sistematizada por Motta (2013), percebemos que os dois lados têm em comum os mesmos personagens, mas cada um desenvolve sua própria intriga, adotando estratégias argumentativas distintas a fim de trazer à tona diferentes modelos de mundo ou imaginários culturais. No escopo da nossa investigação, os narradores são, de um lado, duas das maiores agências de *fact-checking* do Brasil e, do

outro, os apoiadores do discurso pró-cloroquina cujas mensagens foram objeto de checagem desses veículos.

De um modo geral, a intriga que se desenvolve na narrativa dos defensores do tratamento com cloroquina e hidroxicloroquina é a descoberta de uma solução simples para os problemas decorrentes da pandemia de Covid-19, visto que haveria remédios relativamente baratos e supostamente eficazes no combate à doença. Isso diminuiria a gravidade da crise sanitária e tornaria desnecessárias outras formas de combater o novo coronavírus, como as medidas mais restritivas da circulação de pessoas que previnem o contágio, mas têm impactos econômicos e sociais. Essa solução foi defendida repetidas vezes pelo então presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores, mas duramente criticada por governadores, prefeitos e outros atores do campo político – retratados como adversários de Bolsonaro e do povo brasileiro.

Já a intriga que se desenrola na narrativa das agências de *fact-checking* – alinhadas às práticas institucionalizadas do campo do jornalismo profissional – é a existência de campanhas de desinformação que falsificam ou distorcem o discurso da comunidade científica. Logo no início da pandemia, as substâncias cloroquina e hidroxicloroquina se mostraram promissoras, mas diversas pesquisas realizadas posteriormente colocaram em xeque a eficácia das drogas no tratamento precoce. Desse modo, sem um fármaco com eficácia cientificamente comprovada para prevenir e/ou remediar os danos, seria necessário empreender mais esforços e investimentos em outras frentes de gestão da crise sanitária.

A tessitura dessas intrigas foi observada a partir das reportagens publicadas pelas narradoras – as agências Aos Fatos e Lupa. Ambas são certificadas pela IFCN (*International Fact-Checking Network*) e utilizam metodologias similares de verificação – deixando de fora opiniões e previsões de futuro, adotando etiquetas referentes ao grau de veracidade da informação e empregando transparência das fontes utilizadas. Aos Fatos se declara uma microempresa tributada pelo Simples Nacional e registrada como agência de notícias cujo modelo de negócios é financiado por um programa de apoiadores individuais, parcerias editoriais e projetos de tecnologia. Já a Lupa se declara uma empresa que atua nos ramos jornalístico e educacional – foi financiada entre 2015 e 2018 pela Editora Alvinegra, fundada pelo documentarista João Moreira Salles para publicar a Revista Piauí, e hoje se sustenta por meio de venda de reportagens para outros veículos, palestras e workshops sobre *fact-checking*, além de projetos realizados com plataformas como *Facebook* e *Google*.

O recorte temporal das matérias coletadas se limitou às reportagens que fazem menção aos termos “cloroquina” e “hidroxicloroquina” publicadas nos meses de março a agosto de 2020. Foram coletadas 66 publicações: 18 delas no site de Aos Fatos e 48 no site da Lupa. Analisamos principalmente as peças de desinformação que essas reportagens visavam verificar, uma vez que o objetivo era identificar regularidades e características em comum que pudessem servir para confirmar ou refutar nossa hipótese de que essas informações falsas são unidades de uma única narrativa pró-cloroquina. Buscamos ainda indícios que pudessem confirmar se há, na comunicação dessa narrativa, processos de identificação dos sujeitos que comungam dos mesmos valores e crenças subjacentes aos enunciados da amostra.

Enquanto o argumento da credibilidade do jornalismo profissional é implicitamente evocado em todas as reportagens de *fact-checking*, as informações checadas pelas agências utilizam outros recursos retóricos. Assim, conseguimos categorizá-las a partir de seis estratégias argumentativas para defender o uso das substâncias. O número de ocorrências de cada categoria foi contabilizado conforme a tabela a seguir.

TABELA 1
Estratégias argumentativas das mensagens checadas

Agência	Ataque a autoridades	Falsa proibição dos remédios	Falsa liberação dos remédios	Boato sobre pessoa pública ou comum	Conteúdo cientificamente e refutado	Falsa estatística de casos e mortes
Aos Fatos	3	1	3	4	8	1
Lupa	15	8	5	19	16	2
Total	18	9	8	23	24	3

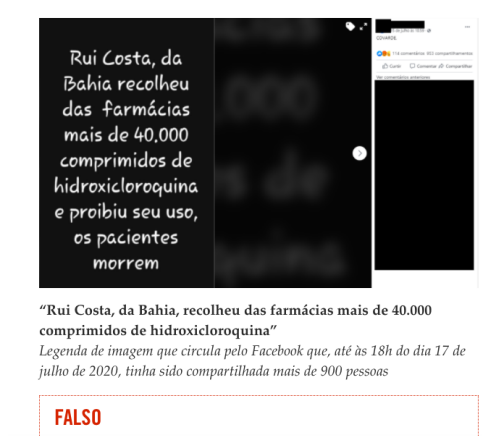
FONTE – Elaborada pelos autores

É importante ressaltar que houve cruzamento de categorias em algumas mensagens – que por isso foram contabilizadas em mais de uma estratégia argumentativa. As categorias mais recorrentes nos documentos foram, portanto, informações refutadas por meio de estudos científicos; boatos sobre políticos, famosos e até mesmo pessoas comuns; e ataques a autoridades. Essas três categorias juntas representam 76% do total de ocorrências.

As autoridades a que as peças de desinformação se referem são sobretudo prefeitos e governadores falsamente acusados de proibir o uso do medicamento, quando na verdade a venda das substâncias sempre esteve autorizada, desde que sob prescrição médica. As autoridades também aparecem na categoria de boatos – que incluem muitas vezes histórias inventadas sobre o uso de cloroquina no tratamento dessas figuras públicas quando foram infectadas pelo coronavírus. Estes são os casos em que a motivação política para o compartilhamento de desinformação fica mais clara, uma vez que os alvos são atores comumente representados pelo discurso bolsonarista na posição de inimigos do então presidente e da narrativa pró-cloroquina.

A Figura 1 ilustra um exemplo de desinformação cujo foco está, ao mesmo tempo, nas categorias de falsa proibição de remédios e ataque a autoridades: neste caso, o então governador da Bahia Rui Costa, do Partido dos Trabalhadores (PT). A reportagem da Agência Lupa desmente o conteúdo, informando que, na verdade, houve uma operação para recolher remédios controlados que estavam sendo distribuídos de forma irregular – sem farmacêutico e sem alvará sanitário – em uma igreja no município Teixeira de Freitas. Não houve, portanto, proibição do uso ou da venda regulares de cloroquina ou hidroxicloroquina no estado.

FIGURA 1 – Checagem sobre recolhimento de hidroxicloroquina na Bahia²



FONTE – Agência Lupa

A mensagem sob escrutínio dos jornalistas checadores coloca em evidência uma tentativa de representar a narrativa pró-cloroquina como alvo de perseguição política, e além disso busca disseminar

² Disponível no link <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/17/verificamos-bahia-recolheu-hidroxicloroquina/>>

uma imagem negativa de um dos membros do maior partido de oposição ao então presidente Bolsonaro num contexto de franco crescimento da onda populista no Brasil. Em 2020, esse populismo adquiriu novos elementos com a dissonância entre as políticas de enfrentamento à pandemia defendidas pelo então presidente e as defendidas por boa parte dos governadores e prefeitos do país.

Já as mensagens pró-cloroquina desmentidas a partir do discurso científico têm foco maior na defesa da eficácia da cloroquina e da hidroxicloroquina em estágios iniciais da doença. Segundo a narrativa das agências de *fact-checking*, essas mensagens enganosas acabaram estimulando a automedicação e contribuindo para o desabastecimento de ambos os remédios nas farmácias, o que prejudicou pacientes de artrite, lúpus e malária que já faziam uso dessas substâncias.

FIGURA 2 – Checagem sobre comprovação científica da eficácia do remédio³



“COMPROVAÇÃO CIENTÍFICA QUE QUERIAM ?? Aí está!

– Estudo científico comprova a eficácia da Hidroxicloroquina!!! O estudo foi feito pela Sociedade Internacional de Doenças Infecciosas, que contou com uma análise de estudo duplo cego e randomizado de 2.451 pacientes do sistema de saúde Henry Ford (...)”

Texto em post publicado no Facebook que, até as 14h30 de 24 de julho de 2020, tinha 121 compartilhamentos

FALSO

FONTE – Agência Lupa

A Figura 2 traz um exemplo de mensagem que tenta disseminar a ideia de que a eficácia dos medicamentos já teria sido comprovada cientificamente. Entretanto, o discurso predominante na

³ Disponível no link <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/24/verificamos-estudo-henry-ford-hidroxicloroquina-covid-19/>>

comunidade científica internacional está mais de acordo com o outro lado dessa disputa de narrativas, como afirma a reportagem da Agência Lupa. Ao contrário do que diz a peça de desinformação, a pesquisa com pacientes do Sistema de Saúde Henry Ford, nos Estados Unidos, não conduziu estudo duplo-cego nem a randomização – procedimentos considerados essenciais para comprovar a eficácia de um fármaco. Ainda segundo a reportagem, o próprio estudo concluiu que deveria haver análises mais aprofundadas sobre os efeitos da droga em pacientes de Covid-19. A mesma matéria relata ainda que a pesquisa foi alvo de críticas de outros cientistas e cita outras investigações que já haviam concluído não haver evidências de benefícios das substâncias contra o vírus causador da doença.

Do ponto de vista da nossa análise, trata-se de um exemplo da tentativa de descontextualizar e até mesmo falsificar enunciados do discurso científico de modo a adequá-los às crenças e opiniões predominantes na narrativa bolsonarista. É possível notar, ainda na Figura 2, que a publicação do Facebook coletada pela reportagem da Lupa contém um logotipo identificando o deputado estadual catarinense Jessé Lopes, do Partido Social Liberal (PSL), mesma agremiação política a que o então presidente Bolsonaro estava filiado nas eleições de 2018. Por meio desse elemento, a mensagem representa o parlamentar como um aliado do discurso pró-cloroquina e sugere que ele é o responsável pela promoção desse conteúdo. Nesta peça de desinformação, também é evidente o uso político dos assuntos relacionados à pandemia de Covid-19.

Como propusemos anteriormente neste artigo, essas e outras informações falsas disseminadas nas redes sociais da internet surgem em relação com outros enunciados que se articulam em torno de uma narrativa. Elas se proliferam a partir da disposição humana à pós-verdade, segundo a qual os sujeitos interpretam o mundo através das lentes fornecidas pelos discursos dos quais eles se apropriam e por meio dos quais eles elaboram seus processos de identificação. Ao ver os seus valores e crenças representados na narrativa em defesa da cloroquina, por exemplo, alguns sujeitos se reconhecem como membros de um grupo – tornando-se mais propensos a compartilhar e defender sua visão de mundo contra a oposição da grande mídia e de certos líderes políticos.

Neste ponto, não se pode deixar de reconhecer a complexidade desses processos, evitando determinismos e lembrando o caráter temporário do apego às posições-de-sujeito que os discursos constroem para os indivíduos (HALL, 2013). As identidades não são fixas, mas sim negociadas no âmbito

dos jogos discursivos, nos quais os sujeitos também têm papel ativo na apropriação e reprodução das narrativas. Assim, por meio da dimensão do outro e da percepção da diferença, elaboram-se as “narrativizações do eu”, que têm eficácia discursiva, material e política na “suturação” desses sujeitos à história.

Buscamos então identificar os vestígios desses processos na interseção entre o fenômeno da desinformação e a pandemia de Covid-19 no Brasil. Em outras palavras, procuramos verificar se o nosso corpus poderia revelar pistas sobre como os apoiadores da narrativa bolsonarista “suturam” suas identidades aos processos históricos contemporâneos. Como todas as peças de desinformação que nós identificamos são favoráveis ao discurso pró-cloroquina amplamente defendido pelo então presidente, somos inclinados a confirmar que o medicamento se tornou de fato um dos símbolos característicos dos apoiadores do então presidente a despeito de evidências científicas de que as drogas não têm eficácia contra o vírus causador da Covid-19.

A insistência nas tentativas de propagar o discurso pró-cloroquina ao longo desses seis meses – mesmo após os veículos da grande mídia reportarem repetidas vezes a sua falta de embasamento científico – reforça a hipótese de mídia hostil (GOMES, 2016), segundo a qual os sujeitos mais partidários de um determinado conjunto de valores e crenças tendem a enxergar a cobertura da mídia como tendenciosa e adversária aos seus pontos de vista. Essa percepção de “*media bias*” faz com que as convicções prévias sejam ainda mais fortalecidas e geralmente desperta um “efeito de terceira pessoa”, que se dá quando existe um temor de que pessoas mais neutras ou desinformadas podem ser facilmente influenciadas pelo conteúdo supostamente distorcido.

Como consequência, esses atores costumam adotar atitudes para prevenir os danos. “Naturalmente, atacar a mídia adversária (que na perspectiva do grupo que se considera perseguido é um justo e devido contra-ataque) é, antes de tudo, produzir um discurso que seja favorável e conveniente (*self-serving*) ao próprio lado” (GOMES, 2016, p. 20). Assim, é desencadeado um movimento que tem por intuito ampliar na esfera midiática a presença da parte que se sente contrariada. Como temos testemunhado nas plataformas de redes sociais on-line, esse movimento pode incluir de forma estratégica as campanhas de desinformação e ataques aos adeptos de narrativas adversárias – que podem ser a

grande mídia, partidos, personalidades políticas ou outros atores e instituições identificadas como oposição.

No caso das mensagens em defesa da cloroquina checadas pelas agências de *fact-checking*, entre os personagens retratados como “vilões”, aparecem “a grande mídia”, “mídia brasileira” e “governadores e prefeitos”. Nesses enunciados, a imprensa aparece constantemente como omissa ou mentirosa. Já políticos do PT – como Rui Costa, então governador da Bahia – e do PSDB – como João Dória, Eduardo Leite e Bruno Covas; à época, respectivamente os governadores de São Paulo e do Rio Grande do Sul e prefeito da capital paulista – são qualificados com adjetivos como “canalhas” e “comunistas” ou retratados como genocidas por proibir o uso dos remédios e até recolhê-los das farmácias. O discurso dos bolsonaristas adotou a cloroquina como bandeira e passou a associar a narrativa adversária à esquerda, como evidencia o exemplo da Figura 3.

FIGURA 3 – Reprodução de tuíte utilizado em reportagem de Aos Fatos⁴



FONTE – Agência Aos Fatos

A Figura 3 foi retirada de uma reportagem publicada pela Agência Aos Fatos após o levantamento de 1,2 milhão de mensagens no *Twitter* (CUBAS e BARBOSA, 2020). A matéria selecionou os tuítes que continham críticas e questionamentos sobre as parcerias para produção de vacinas e testes de imunização no Brasil. Entre aqueles que reuniram mais de 100 curtidas e compartilhamentos, 47% defendiam a cloroquina, como no exemplo acima. Apesar de não conter informações verificáveis por se tratar de uma opinião, a postagem segue a estratégia de parte expressiva das peças de desinformação que identificamos

⁴ Disponível no link: <<https://www.aosfatos.org/noticias/defensores-da-cloroquina-impulsionam-discurso-antivacina-no-twitter/>>

na amostra ao defender o uso da cloroquina por meio de um ataque a uma autoridade – que, neste caso, é o então governador de São Paulo, notório opositor político de Bolsonaro especialmente durante a crise da pandemia de Covid-19. A mensagem se encerra com o nome do remédio, em letras maiúsculas, seguido de emojis com a bandeira do Brasil, associando a defesa da substância a uma postura patriótica. Ao expressar a crença na eficácia da cloroquina utilizando inclusive um verbo em primeira pessoa, o autor do tuíte está realizando um ato de autoafirmação enquanto sujeito de um discurso que resiste às repetidas contestações dos campos jornalístico e científico.

Nas demais mensagens apuradas pelos checadores, percebemos que os sujeitos desse discurso ajudam a tecer uma narrativa alinhada à matriz de valores defendidos publicamente por Bolsonaro. A defesa da cloroquina apareceu frequentemente acompanhada de ataques à grande mídia e aos opositores políticos do ex-presidente, genericamente retratados como comunistas, esquerdistas, corruptos e/ou incapazes de salvar vidas. Na análise de narrativa, essas características ajudam a vislumbrar o plano da metanarrativa, “em que temas ou motivos de fundo ético ou moral integram as ações da estória em uma estrutura compositiva cultural pré-textual, de caráter antropológico” (MOTTA, 2013, p. 138). Nesse nível de análise, identificamos a força de algumas das crenças compartilhadas por adeptos do bolsonarismo: a descredibilização das instituições, a existência de conspirações supostamente dedicadas à destruição do tecido social e o negacionismo do saber científico. As peças de desinformação coletadas sugerem a intenção de promover esse imaginário cultural para despertar o sentimento de pertencimento a esse grupo, ainda que em detrimento da veracidade dos fatos narrados.

Considerações finais

O objetivo principal da nossa análise foi verificar no corpus a aplicabilidade da hipótese de que a pós-verdade seria uma disposição humana para produzir sentidos conforme um sistema de crenças preexistentes e de que essa disposição estaria envolvida nos processos de identificação de sujeitos. Assim, poderíamos analisar o fenômeno da desinformação na perspectiva de uma prática cultural localizada no cruzamento entre o jornalismo e outros discursos que têm utilizado informações falsas como estratégia para conquistar ou manter a adesão às suas narrativas. Constatamos, nas reportagens de *fact-checking* coletadas, alguns elementos que permitem aplicar essa hipótese à pauta do tratamento da Covid-19 no Brasil. Todas as peças de desinformação levantadas no corpus se mostraram favoráveis ao uso da

cloroquina e hidroxiclороquina como estratégia de combate à pandemia, o que nos permitiu pensar essas mensagens como partes de um discurso político mais abrangente que também tem como estratégias o ataque a opositores do então presidente Jair Bolsonaro e o emprego da abordagem “nós contra eles” para identificar seus adeptos no âmbito de uma resistência aos discursos que desmentem a eficácia dos remédios. É necessário pontuar, entretanto, que o tamanho reduzido da amostra nesta análise nos impede de fazer generalizações conclusivas – que precisariam de investigações mais aprofundadas. Não obstante, é possível que essa reflexão seja um ponto de partida na prospecção de caminhos que possam iluminar aspectos ainda pouco explorados de um problema tão atual quanto complexo.

Nota: O texto foi produzido como trabalho final da disciplina Estudos de Mídia e Cultura, ministrada pela primeira autora no programa de pós-graduação indicado na apresentação dos autores.

Flávia de Almeida Moura

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6672-2319>

Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Luís (MA), Brasil

Doutora em Comunicação pela PUC/RS

E-mail: flaviaalmeidamoura29@gmail.com

Jorge Araújo Martins Filho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5463-6950>

Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-graduação em Comunicação, São Luís (MA), Brasil

Mestre em Comunicação pela UFMA

E-mail: jfilho.araujo@gmail.com

Recebido em: 28 de agosto de 2021.

Aprovado em: 1 de dezembro de 2022.

Referências:

AFONSO, Nathália. Hidroxiclороquina é o remédio mais citado em peças de desinformação no mundo.

Lupa. 23 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/23/coronaverificado-hidroxiclороquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed48.2022.233>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 48, p.173-194, set./dez. 2022

AFONSO, Nathália. #Verificamos: É falso que governador da Bahia recolheu hidroxycloquina das farmácias e proibiu seu uso. **Lupa**. 17 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/17/verificamos-bahia-recolheu-hidroxycloquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

AFONSO, Nathália. #Verificamos: É falso que governador do RS usou hidroxycloquina, azitromicina e ivermectina para tratar Covid-19. **Lupa**. 31 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/31/verificamos-governador-rs-hidroxycloquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2014.

CUBAS, Marina Gama; BARBOSA, João. Defensores da cloroquina impulsionam discurso antivacina no Twitter. **Aos Fatos**. 28 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/defensores-da-cloroquina-impulsionam-discurso-antivacina-no-twitter/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos culturais: uma introdução. In SILVA, T.T. **O que é afinal estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

GOMES, Wilson. Por que a mídia é tão parcial e adversária da minha posição? A hipótese da “hostile media perception”. **Revista Compólitica**, vol. 6, n. 1, p. 7-29, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2013.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século XXI**. Tradução Paulo Geiger. 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; FREITAS, Viviane Gonçalves. **Fake News e o repertório contemporâneo de ação política**. VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, 2019.

MENEZES, Luiz Fernando. É falso que premiê e ministro franceses foram demitidos por suspender uso da hidroxycloquina. **Aos Fatos**. 16 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que->

[premie-e-ministro-franceses-foram-demitidos-por-suspender-uso-da-hidroxicloroquina/](#)> Acesso em: 14 ago. 2020.

MORAES, Maurício. #Verificamos: É falso que autoridades francesas estão sendo acusadas criminalmente por ‘proibir hidroxiclороquina’. **Lupa.** 11 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/11/verificamos-franca-hidroxicloroquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

MORAES, Maurício. #Verificamos: É falso que coquetel com hidroxiclороquina tem eficácia de 99,9% contra Covid-19. **Lupa.** 31 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/31/verificamos-coquetel-hidroxicloroquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

MORAES, Maurício. #Verificamos: É falso que ‘estudo Henry Ford’ provou eficácia da hidroxiclороquina contra a Covid-19. **Lupa.** 24 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/24/verificamos-estudo-henry-ford-hidroxicloroquina-covid-19/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

MORAES, Maurício. #Verificamos: É falso que hidroxiclороquina, defendida em vídeo por médica nos EUA, funcione contra Covid-19. **Lupa.** 29 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/29/verificamos-hidroxicloroquina-video-medica-eua/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

MORAES, Maurício. #Verificamos: Es falso que las autoridades francesas vayan a ser acusadas penalmente por “prohibir la hidroxiclороquina. **Lupa.** 17 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/17/latamchequea-autoridades-francesas-acusadas-hidroxicloroquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

MORAES, Maurício. #Verificamos: É falso que Ziraldo comemorou ‘cura de Bolsonaro pela cloroquina’. **Lupa.** 21 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/21/verificamos-ziraldo-bolsonaro-cloroquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PACHECO, Priscila. É falso que Porto Feliz, em São Paulo, não registra mortes por Covid-19. **Aos Fatos**. 17 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-porto-feliz-em-sao-paulo-nao-registra-mortes-por-covid-19/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

PACHECO, Priscila; CUNHA, Ana Rita; MENEZES, Luiz Fernando. Em vídeo difundido por Trump, médica engana ao dizer que cloroquina cura Covid-19. **Aos Fatos**. 29 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/em-video-difundido-por-trump-medica-engana-ao-dizer-que-cloroquina-cura-covid19/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

PACHECO, Priscila. Médicos desinformam ao recomendar ivermectina para prevenir e tratar Covid-19. **Aos Fatos**. 10 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/medicos-desinformam-ao-recomendar-ivermectina-para-prevenir-e-tratar-covid-19/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

PACHECO, Priscila. Não é verdade que cascas de laranja e limão têm ivermectina e cloroquina. **Aos Fatos**. 24 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/nao-e-verdade-que-cascas-de-laranja-e-limao-contem-ivermectina-e-cloroquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

PACHECO, Priscila. Texto cita informações falsas e distorcidas ao orientar automedicação contra a Covid-19. **Aos Fatos**. 6 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/texto-cita-informacoes-falsas-e-distorcidas-ao-orientar-automedicacao-contr-covid-19/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

PEIRCE, Chales S. **The Fixation of Belief** (1877). Disponível em: < <https://goo.gl/drXPPp> >. Acesso em: 6 set. 2020.

QUEIROZ, Gustavo. #Verificamos: Es falso que el alcalde de San Pablo usó cloroquina en su tratamiento para la Covid-19. **Lupa**. 3 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/03/latamchequea-alcalde-san-pablo-cloroquina-covid-19/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

RIBEIRO, Amanda. Médico engana ao prometer que tratamento caseiro com remédios cura a Covid-19. **Aos Fatos**. 13 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/medico-engana-ao-prometer-que-tratamento-caseiro-com-remedios-cura-covid-19/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

RÔMANY, Ítalo. #Verificamos: É falso que cloroquina e ivermectina estejam presentes na casca da laranja e do limão. **Lupa**. 27 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/27/verificamos-cloroquina-casca-limao/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

RÔMANY, Ítalo. #Verificamos: É falso que médicos são obrigados a prescrever hidroxicloroquina para pacientes com Covid-19. **Lupa**. 16 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/16/verificamos-medicos-prescrever-hidroxicloroquina/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

ROXO, Marco Antonio; MELO, Seane. **Hiperjornalismo**: uma visada sobre fake news a partir da autoridade jornalística. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-19, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHWARCZ, Lília. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SORDI, Jaqueline. Lupa na Ciência: Entenda a importância do estudo brasileiro que comprovou ineficácia da hidroxicloroquina para casos leves e moderados de Covid-19. **Lupa**. 27 jul. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/07/27/lupa-na-ciencia-estudo-brasileiro/>> Acesso em: 14 ago. 2020.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe report, v. 27, 2017.

Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar de que forma a pós-verdade pode ser relacionada a processos de identificação no contexto da pandemia no Brasil. Tomamos como exemplo reportagens de fact-checking publicadas pelas agências Lupa e Aos Fatos, submetendo-as a análise para descrever a

disputa de narrativas sobre a eficácia das substâncias cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19. A hipótese é que essas peças de desinformação sob escrutínio do jornalismo profissional não são mensagens isoladas e estão inseridas em um contexto mais amplo das práticas culturais de grupos políticos e sociais vinculados ao discurso bolsonarista.

Palavras-chave: Pós-verdade. Desinformação. Identificação. Hidroxicloroquina.

Abstract

The paper analyses how post-truth could be related to the identification processes in the context of the pandemic in Brazil. Fact-checking articles published by the agencies “Lupa” and “Aos Fatos” were taken as examples. The corpus was analysed in order to describe the conflicting narratives on the chloroquine and hydroxychloroquine efficacy for Covid-19 treatments. The hypothesis is that those pieces of disinformation under journalistic scrutiny are not accidental messages – they belong in the bigger picture of cultural practices which can be found among social and political groups tied to the supporters of president Bolsonaro’s discourse.

Keywords: Post-truth. Disinformation. Identification. Hydroxychloroquine.

Resumen

El artículo analiza cómo la posverdad podría relacionarse con los procesos de identificación en el contexto de la pandemia en Brasil. Se tomaron como ejemplos los artículos de verificación de hechos publicados por las agencias “Lupa” y “Aos Fatos”. El corpus se analizó para describir las narrativas contradictorias sobre la eficacia de la cloroquina y la hidroxicloroquina para los tratamientos con Covid-19. La hipótesis es que esas piezas de desinformación bajo el escrutinio periodístico no son mensajes accidentales, pertenecen al panorama más amplio de las prácticas culturales que se pueden encontrar entre los grupos sociales y políticos vinculados a los partidarios del discurso del presidente Bolsonaro.

Palabras clave: Posverdad. Desinformación. Identificación. Hidroxicloroquina.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.